

Dinâmicas e fenômenos sociais: um estudo sobre a morte no cemitério da comunidade Nossa Senhora da Guia, Paraíba¹

Uliana Gomes da Silva (PPGA/UFPB/Brasil)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/PPGA/DCS/UFPB/Brasil)

Palavras Chaves: Cemitério. Morte. Antropologia

Este trabalho reflete a respeito da temática da morte e o espaço de sepultamento a partir da pesquisa desenvolvida no cemitério da comunidade Nossa Senhora da Guia em Lucena-PB. O cemitério está situado na parte mais alta da comunidade entre o santuário Nossa Senhora da Guia e uma reserva florestal. Trata-se de um cemitério sem muros, cujo espaço sagrado é marcado pela grande cruz que perdura no meio dos túmulos.

Os túmulos são enfeitados por “grinaldas” coloridas que chamam a atenção do transeunte, ocupando área relativamente pequena e, por isso, sua capacidade para construção de novos túmulos está limitada. No entanto, a procura pelo sepultamento tem crescido recentemente, com novas construções que chegam a adentrar a reserva florestal, outros invadem o espaço utilizado pelo comércio local, que funciona nos dias de missas. Tal singularidade nos fez refletir sobre as modalidades de enfrentamento da morte em contexto social contemporâneo diferente do modelo propagado do chamado tabu da morte, para compreender a dinâmica das atitudes e representações ali realizadas.

Nosso trabalho se fundamenta em uma pesquisa de campo realizada em 2011 a 2015, quando observamos e entrevistamos as pessoas que tinham parentes enterrados no cemitério. Para a maioria dos interlocutores, o lugar aparece como “local calmo”, entendido como “lugar ideal” para ser enterrado. Outros aspectos são relevantes como: o fato de que não se paga taxa para “enterrar”, a manutenção dos túmulos é feita pelos familiares do falecido, assim como na maioria dos casos é a própria família que “cava a cova” para o sepultamento. Existem diferenças entre os túmulos que se tornam visíveis, em termos de: tamanho, estrutura e decoração. De modo geral, se percebe que a

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

distinção faz parte do cenário. Tais diferenças podem ser explicadas a partir das diferenças relacionadas aos marcadores sociais, refletindo as condições econômica, social e também religiosa de cada família. A religiosa diferencia os túmulos pelo que seja considerado “católico” ou “crente” de acordo com as crenças local, indicando assim modalidades que envolvem as relações entre vivos e mortos segundo as normas e ethos da vida religiosa.

As obrigações de manutenção do túmulo continua sendo uma responsabilidade da família e motivo de controle social por outras famílias e visitantes do cemitério. A manutenção é justificada pela reciprocidade com um ente querido como mecanismos para continuar a integrar a vida social daqueles que continuam. Atribuições de características para a morte foram feitas: “ela é sacana”, “covarde”, “injusta”, mostrou se presente também nos discursos as diferenciações de tipos de morte “boa morte”, “morte natural”, “morte matada”, “morte ruim”, relacionando as com o ultimo suspiro das pessoas sepultadas.

O espaço do cemitério nem sempre foi tido como o espaço “ideal” para o sepultamento, pois até a primeira metade do século XIX, a prática era de enterrar as pessoas dentro das igrejas, isso de acordo com sua posição social. Conforme sugere Ariés (1977), a morte eclesiástica, ou seja, morte dentro das Igrejas, era uma prática social corrente, principalmente para aqueles que tinham algum status social, logo, excluía-se: suicidas, criminosos, indigentes, não católicos e escravos. Essa prática dominou durante dois mil anos. Nesse tempo, as igrejas detinham o controle sobre os enterros. O exercício dessa prática, então, começou a ser questionado e condenado pelo discurso médico higienista e normatizador da época. Esse discurso contava com o saber médico que teve como argumento que os enterros dentro das igrejas representavam um problema para a saúde pública. As pestes existentes, como a Febre- amarela e a cólera também fortaleceram esse discurso médico.

Durante esse período, as pessoas viam a igreja como o espaço ideal pra ser enterrado, pois quanto mais perto da igreja, mais próximo da Salvação. O discurso higienista, aliado às questões econômicas e políticas, condenou essas práticas. Atualmente, o desejo de ser enterrado próximo de uma igreja ainda aparece nos discursos das pessoas. Por exemplo, nas vezes que conversei com o Senhor Cibiu, o mesmo dizia que desejava ser enterrado no cemitério da comunidade da Guia: “quando eu morrer, quero ser enterrado aqui, porque aqui tem uma igreja, tem reza e, assim, eu vou chegar mais rápido no céu”. Acredito que, o modo como os vivos lidam com o

espaço dos mortos, tem muito a dizer sobre o modo como os mesmos enxergam a morte. De acordo com Mísia Lins:

Dentro de cada sociedade conhecida ou não, o homem terá diferentes formas de lidar com a morte e com os mortos; [...]. Qualquer que possa ser a maneira de ver e tratar com a morte, esta será instituída de acordo com o social-histórico criado pela sociedade e pelo indivíduo, enfim, pelo imaginário (LINS, 1995, p.29).

As pessoas lidam com a morte e com o espaço de sepultamento de acordo com a sua cultura. Essa constatação foi algo que surgiu durante a pesquisa. Dessa maneira, os entrevistados sempre justificavam o seu modo de agir dizendo que era algo que já existia e que era praticado pelos seus familiares, sendo um costume que perpassa de pai pra filho.

No seu livro “A morte é uma festa”, Reis (1991) faz referência ao processo de transferência dos sepultamentos da igreja para o cemitério, tal como aconteceu no Brasil, mais precisamente na Bahia. Para este autor, a revolta popular (cemiterada) que aconteceu em 25 de outubro de 1836, em Salvador-BA, foi movida pela proibição de enterros dentro das igrejas e essa proibição é marcada por interesses políticos e econômicos. O autor afirma que a transferência dos enterros para os cemitérios e a contratação de serviços de uma empresa privada para realizar os serviços das cerimônias fúnebres afetou diretamente o sustento das irmandades.

A implantação dos cemitérios fora do espaço da igreja católica e das cidades contou com a colaboração de diversos fatores, tais como: (i) a questão religiosa, (ii) a questão higiênica, (iii) a modernização do espaço urbano, (iv) disputas políticas. Tanto esses como outros fatores colaboraram diretamente para a aceitação e reconhecimento do espaço do cemitério como lugar para enterrar os mortos. Sobre a hipótese higienista, Castro comenta que:

Os princípios higienistas determinavam que tal costume era prejudicial à saúde. Esses conceitos, juntamente com a afirmação de uma nova ordem econômica e social ditada pelos signos e costumes da classe burguesa em ascensão neste período, exigiram uma nova forma de pensar o urbano e colaboraram com a determinação de sítios arejados e fora das igrejas para realizar os enterros. (CASTRO, 2013, p.160).

É possível perceber, assim, que o fenômeno da higienização contou com colaborações de diversas instituições e setores da sociedade. É importante ressaltar que, mesmo antes da proibição dos enterros dentro da igreja, já haviam cemitérios, porém esses eram destinados para os falecidos considerados discriminados ou indignos, como já dito, nos quais se incluíam os suicidas, os não católicos, os negros e os pobres. Por todo o território brasileiro, o processo de implantação dos cemitérios como espaços adequados para enterrar foi acontecendo conforme as mudanças que surgiam com a modernidade de cada lugar e as exigências especificam de cada época e local. Em cada lugar, esse processo de urbanização e modernização ocorreu de forma “diferente” e essas especificidades também se refletiam na construção dos cemitérios. Atualmente, os processos de sepultamento, em sua maioria, ocorrem nos cemitérios seguindo as normas de cada local.

Quanto ao fato da realização dessa pesquisa na comunidade da Guia, pode-se dizer que pesquisar na Comunidade da Guia foi a oportunidade de problematizar e descrever sobre os aspectos da localidade, identificando traços importantes, como as características urbanas e rurais que se entrelaçam, o que revela uma dinâmica diferenciada na comunidade. A comunidade da Guia, de modo geral, é um local que está constantemente em contato com culturas externas (a presença constante de turistas), mas o lugar mantém algumas práticas que são próprias do local. Pensar sobre a experiência do local nos ajuda a refletir sobre como a comunidade se organiza e como se impõe frente às mudanças na sociedade, no sentido de entender até que ponto a comunidade da Guia segue com seus valores e como as influências externas agem sobre a comunidade.

Da mesma forma, o cemitério da comunidade da Guia tem suas características próprias, como também apresenta outras que são universais à cultura da morte. Acerca da singularidade do cemitério, posso dizer, por exemplo, que o espaço tem uma dinâmica de funcionamento próprio, na medida em que não existem demarcações que separem o cemitério do lugar em que o mesmo está inserido. Outro aspecto é que não há cobranças de taxas para manutenção dos túmulos ou para enterrar alguém no cemitério. Quanto às características gerais, pode-se citar a prática de acendimento de velas no dia de finados, a presença da cruz no túmulo quando o morto era católico ou não colocar quando o morto é evangélico. Essas últimas são práticas que reconhecemos como aspecto comum nos cemitérios que conheço.

Realizar entrevistas no cemitério e o sobre o cemitério foi algo que favoreceu ou contribuiu para as respostas das questões levantadas pela pesquisa. Conversar com as

peças fora do espaço do cemitério também teve suas vantagens, porém foi mais difícil manter o foco da conversa. Neste último caso, a conversa com as pessoas era apoiada no discurso religioso e na percepção que as mesmas tinham sobre a morte. As conversas no cemitério, por outro lado, também se apoiavam na percepção sobre a morte e no discurso religioso, mas também utilizavam-se de outros temas que considerei mais concretos acerca da manutenção do túmulo, tais como objetos (cruzes, flores, grinaldas, túmulos) presentes no cemitério para enfatizar as falas.

Em toda entrevista ou conversa que foram realizadas, as pessoas sempre mostravam lembrar alguém que tinha falecido e que a morte, apesar de ser algo certo de acontecer (segundo a fala deles), era algo que precisava ser adiado, afastado e que causa dor.

Em alguns momentos, a visita ao campo foi realizada em grupo, tendo em vista que haviam outros pesquisadores inseridos neste campo de pesquisa. Logo, algumas conversas foram compartilhadas com mais de um membro da pesquisa. Essa pesquisa teve a duração de três anos, porém, nos dois primeiros anos, as visitas às comunidades foram para conhecer o lugar, as pessoas, conversar com as mesmas e observar o espaço do cemitério. Quanto às entrevistas, foram realizadas 12 entrevistas no decorrer do ano de 2014. A duração delas giravam em torno de uma hora a uma hora e meia. As conversas informais, por outro lado, duravam em torno de duas a três horas, quando aconteceram na casa dos moradores da Guia. Quando as conversas informais ocorriam no cemitério duravam de quarenta minutos a uma hora. Todas essas e outras informações foram registradas em diário de campo.

No decorrer das conversas, falava-se de tudo um pouco, a conversa fluía normalmente. Chegávamos a passar cerca de 3 horas em uma única casa. Os assuntos das conversas eram os mais variados possíveis: política, o preço das mercadorias, os medicamentos, os animais que eles cuidavam, religião, violência, morte, doenças, gravidez, etc. Mesmo nas conversas que fugiam do tema da pesquisa, havia respeito às colocações dos informantes, pois é preciso manter um diálogo com os informantes. É interessante saber seus pontos de vistas, ou seja, é preciso conhecer e estabelecer relações com os informantes. Nessas conversas, podia-se perceber a necessidade que algumas pessoas tinham de conversar, principalmente os idosos, de modo que ficava evidente a satisfação que tinham ao conversar conosco. Mesmo quando as conversas eram no cemitério e com um roteiro estabelecido, sempre surgiam diversos assuntos do cotidiano.

De modo geral, a qualificação do modo de morrer surgiu como resposta às perguntas sobre o que é a morte, quando foram feitas perguntas consideradas “diretas”, tais como: o que é a morte para você? Como você se sentiu falando sobre morte? O que é preciso para lidar com a morte? Essas perguntas e as demais perguntas podem ser vista no anexo I que segue nesse trabalho. Os tipos de morte e diferenciação dos mesmos foi algo constantemente presente na fala das pessoas .

A comunidade Nossa Senhora da Guia fica na cidade de Lucena. De acordo com Melo:

Desde João Pessoa, o acesso ao local se dá pela BR 230 e depois pela PB 025. Também é possível utilizar o percurso pela BR 230, passando pela cidade de Cabedelo e fazendo uma travessia de balsa que atravessa o rio Paraíba até a praia de Costinha no 18 município de Lucena, ali pegando a PB 008 e depois a PB 019. Os serviços de travessia da balsa (ferry boat, com capacidade para 50 automóveis ou 10 caminhões e 250 passageiros) são prestados diariamente, de hora em hora, com embarque/desembarque em Cabedelo e na praia de Costinha em Lucena. Outra opção é o “barcônibus” uma invenção engenhosa, para a qual foi utilizada uma carroceria de ônibus em cima de um barco, com capacidade para 80 passageiros e 02 tripulantes; os serviços também são prestados diariamente (MELO, 2013, p.17).

Andando pelas poucas ruas da Comunidade da Guia, é possível observar que as pessoas mantêm as ruas sempre limpas, dificilmente foi visto lixos expostos. A exceção existente ocorre na única rua que não é calçada, que fica por trás da rua principal, pois na entrada dessa rua tem um acúmulo de lixo.

A comunidade tem uma USF (Unidade de Saúde da Família), situada na entrada da Comunidade. Esse Posto tinha médico uma vez ao mês, algum tempo depois passou a abrir todos os dias e havia médico duas vezes por semana. Atualmente, o Posto foi interditado e só abre uma vez por semana, quando o médico vai.

A escola da comunidade havia fechado no ano em que iniciamos a pesquisa e, segundo relatos de moradores, foi por falta de investimento. A escola voltou a funcionar recentemente, mas apenas com cursos do PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego Institucional). Há duas praças na comunidade e, apesar de que poucas vezes durante a semana vi pessoas sentadas nessas praças, durante o final de semana, alguns homens se reúnem para conversar. Durante a pesquisa na comunidade, mesmo nos finais de semana, nunca vi mulheres sentadas nessas praças.

As casas dessa comunidade em sua maioria têm alpendres², espaço que é usado principalmente pelas mulheres para conversarem ou apenas ficarem sentadas, observando quem passa - o movimento da rua. Foi nesse espaço que fomos recebidos pelos moradores. As crianças também ocupam esse espaço para brincar. Nem sempre é possível ver as pessoas nos alpendres, geralmente, a tarde é o período do dia em que é mais provável. Algumas vezes, vi homens sentados nos alpendres. Existem algumas chácaras e casas de veraneios na comunidade; em geral, essas moradias são destinadas para turistas.

Quando o assunto é política, os moradores da comunidade dizem logo que a comunidade é um lugar esquecido, que só é lembrado nos períodos de eleição. No período eleitoral de 2014, andando pela comunidade, percebi que todas as casas da comunidade tinham propagandas políticas dos mais diversos candidatos. Em cinco casas havia propaganda do candidato que tem uma chácara na comunidade, esse fato me chamou atenção porque o candidato a deputado possui uma propriedade na comunidade, mas não o faz presente ou aceito pela maioria dos moradores.

Durante a semana, é possível ver o “carro do gás”, o “carro da galinha”, os “carros de prestações” (vendedores de porta em porta) passando pela comunidade. Durante o final de semana e feriado, a movimentação é mais intensa, pois a comunidade da Guia é um ponto turístico.

Na comunidade, há uma igreja da Assembléia de Deus e o chamado Santuário, popularmente conhecido como Santuário da Guia, que tem sua construção referida à 1591. A maioria das pessoas da comunidade são Evangélicas, apesar da tradição católica ali presente que podemos perceber a partir da data da construção deste santuário.

O santuário da comunidade da Guia é um dos pontos turísticos da Paraíba, o mesmo recebe visitas diariamente, com um fluxo constante de turistas. Alguns acompanhados de guias turísticos e, geralmente, não chegam a passar mais que 30 (trinta) minutos no local, o suficiente para tirar fotos, observar a vista, entrar no santuário, na medida em que os guias despejam algumas informações sobre o lugar. E quando os turistas não estão acompanhados por guias, chegam ao santuário e procuram pelo Cristiano, que é o zelador da edificação, que se mostra disponível e passa

² É uma espécie de varanda, que liga o espaço interior e exterior da casa.

informações sobre o santuário, recebendo gratificações dos turistas em algumas circunstâncias.

Segundo Neves:

[...] O Santuário de Nossa Senhora da Guia construído no ano de 1591. Esculpido em pedra calcária no estilo barroco tropical, o Santuário está localizado no alto de um platô geográfico, que permite uma visão panorâmica da baía na qual o rio Paraíba encontra o oceano Atlântico, num extremo e no outro se visualiza um mar verde de plantação de cana-de-açúcar. Comenta-se que sua localização era ponto estratégico para observação de invasores vindos pelo mar ou pelo rio, e que possibilitava a comunicação com o forte de Santa Catarina situado no município de Cabedelo, do outro lado da baía. (NEVES, 2011, p 3).

Neste sentido, o santuário desponta como um lugar histórico e ao mesmo tempo ligado a um cenário natural que encanta os visitantes. No entanto, essa valorização atual não corresponde ao cuidado que vem recebendo ao longo dos anos. Conta-se que passou por um longo tempo em ruínas, algumas partes caíram e outras foram reformadas, mas mesmo assim o santuário ainda tem partes de sua estrutura original. Conforme Melo:

No período em que o Santuário ficou abandonado, praticamente ficou em ruínas e o convento/hospício foi demolido, restando apenas os alicerces e parte das amarrações do telhado. Na década de 1980 o IPHAN restaurou a igreja e também reurbanizou a área em torno da igreja, recuperando as características do período colonial, como os detalhes em pedra calcária, construído em estilo barroco, representando plantas silvestres e frutas típicas da região, permitindo assim ver as artes em suas fachadas e dentro do Santuário (MELO; 2013, p. 26).

Quando termina a calçada do santuário, começa o ambiente do cemitério, que fica entre a reserva florestal e o santuário. Neste mesmo local ainda tem o “quartinho das promessas” (espaço onde ficam guardado os ex-votos³), a casa dos Romeiros, e o espaço para acender velas.

O cemitério da Guia é um dos cemitérios públicos do município de Lucena mantido pela Prefeitura. Localizado na Comunidade da Guia, no ponto mais alto do município. Este cemitério ocupa uma área relativamente pequena, sua capacidade para

³ Ex- voto são alguns objetos que os devotos da santa Nossa senhora da Guia levam para o santuário, depois de algum tempo esses objetos são guardados em um quartinho, os objetos são bem variados dentre eles estão pernas, braços, pés, coração, cabeças de ceras, bem como fotos, bonecas, etc. Essas informações foram ditas pelo sacristão do santuário bem como em alguns momentos vi esses objetos no altar do santuário ou no “quartinho das promessas” quando tive oportunidade de conhecer o espaço.

construção de túmulos está acabando e algumas construções de túmulos estão adentrando a reserva florestal e outros túmulos estão sendo construído na lateral, onde fica localizado o comércio.

É difícil dizer onde começa e onde termina este cemitério, pois o mesmo não tem demarcações, como muro ou qualquer outra identificação que sinalize onde começa e onde termina. O que chega mais perto disso é que o mesmo começa quando termina a calçada do Santuário, porém onde termina não é possível afirmar. Há dias, nos quais ocorre um, ocorrem dois ou até quatro sepultamentos e há outros que não ocorrem nenhum, por exemplo, os dias que estive no cemitério não ocorreu nenhum sepultamento. Ao lado do cemitério tem o comércio que funciona nos dias que são realizadas as missas no santuário e, certamente, no dia de finados. Os itens vendidos são os mais variados possíveis, podem-se encontrar lanches (pastel, coxinha, cachorro-quente, hambúrguer, batata-frita, e bolos), frutas, bolachas, pipocas, bombons, roupas, calçados, refrigerantes, sucos, chaveiros, dentre outras coisas. No dia de finados, encontram-se velas, “grinaldas” e fósforos.

Nas primeiras visitas ao cemitério o mesmo apresentava um aspecto de abandono, haviam ossos expostos, túmulos abertos e, a maioria dos túmulos estava em estado de abandono, haviam pouquíssimas sepulturas em alvenaria. O espaço do cemitério estava tomado pelo mato, de canto a canto. Havia uma grande cruz de madeira pintada de cor azul no começo do cemitério, encontrava-se também uma torneira que ficava junto das primeiras sepulturas na frente ao cemitério.

Através das observações do espaço, de conversas informais e das entrevistas foi possível perceber que no decorrer de todo ano os túmulos do cemitério da Guia recebem manutenção apenas em períodos próximos ao dia de finados. Fomos ao cemitério durante a pesquisa em diversos momentos e não percebi a realização de nenhuma manutenção. As mudanças que encontrei foram novos túmulos e a diminuição do espaço do cemitério decorrente ao número de túmulo que aumentou.

Mesmo no chamado dia de Finados, o cemitério pouco se diferenciava. No entanto, com o passar do tempo, nesses dois últimos anos, essas situações foram mudando. Os túmulos começaram a receber uma atenção maior, começaram a receber cerâmicas/alvenaria e outros estão sendo pintados constantemente.

De modo geral, o cemitério encontra-se em melhores condições, a Prefeitura tem enviado os profissionais de limpeza, chamados garis, com a periodicidade de três meses para limpar os “matos”. Não há túmulos abertos e nem ossos expostos, é possível

identificar reservas de túmulos, o número de túmulos vem aumentando bastante e em alguns espaços não têm como circular no cemitério a não ser que seja por cima dos túmulos.

Foi possível perceber uma preocupação da maioria das pessoas com a manutenção dos túmulos dos parentes ali enterrados. A maioria revelou a vontade de “colocar cerâmica”, pois é uma forma de conseguir impedir que pessoas estranhas sejam enterradas nos túmulos. Como o cemitério quase não tem espaço para cavar novos túmulos, os que já têm túmulos ali buscam garantir o espaço. No início da pesquisa, não havia diferenças grandes entre os túmulos, no entanto, hoje já é possível perceber que existem uns túmulos grande e outros pequenos.

O tamanho das sepulturas varia e, em cada “cova”, pode ter de uma a 3 (três) pessoas enterradas. Alguns entrevistados falaram que preferem enterrar em “covas” individuais, pois acreditam que cada morto deve ter seu espaço, porém essa prática no cemitério da Comunidade da Guia está ficando cada vez mais difícil de efetuar, pois o cemitério tem pouco espaço ou quase nenhum espaço para que se tenha novos túmulos. E, por isso, a prática de “cova” coletiva está sendo cada vez mais usada, porém essa coletividade se resume aos familiares.

As cores das tintas variam entre branca, verde, azul, rosa, amarelo. Quando o túmulo é de cerâmica, as cores variam entre laranja, marrom, branca, cinza e azul. As cores das tintas, segundo alguns informantes, são escolhidas de acordo com o gênero e o gosto dos familiares que pintam os túmulos. De acordo com os informantes, há um significado para as cores, por exemplo, o branco representa paz e pode ser pintado tanto em túmulo de homem como de mulher; o azul, por sua vez, representa o céu e é utilizado para pintar túmulo de homens; o verde tem o significado de esperança, de ressurreição e também é usado apenas para túmulo de homens; já o cor-de-rosa representa delicadeza e é usado para pintar o túmulo de mulheres. A cor amarela não recebeu nenhuma classificação, foi escolhida, segundo meu informante, porque é uma cor que é bonita, sendo usada para pintar túmulo de mulher.

Quando se trata da questão da escolha da cor da cerâmica, foi dito por alguns informantes que a escolha está relacionada ao custo financeiro, de custo menor essa afirmação esteve presente na maioria dos relatos. Com a exceção de três relatos, o de um senhor que estava limpando um túmulo de cerâmica branca, a cor branca afirmou que foi uma escolha feita pelo morto antes de morrer, porém o senhor não soube dizer o porquê dessa escolha. O túmulo que tinha cerâmica azul, segundo a moça que estava

lavando-o, que era a filha da pessoa que estava enterrada, disse que era uma forma de demonstrar que tinha fé em Deus e acreditava que sua mãe iria morar no céu. O de cerâmica laranja, segundo o esposo da senhora que estava enterrado ali, foi escolhida a cor que era a preferida da defunta.

Os utensílios usados para a execução desses serviços geralmente eram pincéis, tinta, copos, baldes, esponjas, sabão. Os serviços de manutenção são realizados pelos familiares dos mortos, assim como também a compra do material utilizado. Em alguns casos, os familiares contratavam a mão-de-obra, esses casos ocorriam quando era para colocar cerâmica. Mesmo quando se contratava a mão-de-obra, sempre havia um parente do morto acompanhado o serviço.

Quando os familiares não cuidam da manutenção dos túmulos, em alguns casos, o espaço é usado por outras pessoas para enterrar seus parentes, isso fica claro na fala de Anderson⁴

Quando minha rainha [a mãe] morreu, eu fui até a prefeitura, peguei um papel de liberação, para cavar a cova da minha mãe, eles me deram na hora. Então, eu e mais meu primo viemos aqui, e começamos a cavar, quando já tínhamos cavado um pouco nos deparamos com um esqueleto. Mais moça eu me arrepiei da cabeça aos pés, e meu primo então? Saiu correndo desesperando, o nego de branco tava preto. No fim das contas, nós cobrimos os ossos e fomos cavar em outro lugar. Graças a Deus, nesse outro lugar não encontramos nenhum morto, terminamos de cavar e fomos pra casa voltamos à tarde pra realizar o momento mais triste da minha vida (ANDERSON, 2014).

Nesse depoimento, é possível perceber que existem túmulos que não são mais visíveis, que a ação do tempo tratou de apagar por não ter ninguém que fizesse a manutenção. Não existe, no cemitério, o controle do tamanho do espaço que pode ser usado para construir os túmulos, essa é umas das queixas de algumas pessoas, pois segundo essas pessoas, uns ficam com um espaço maior enquanto outros com o espaço pequeno. Alguns informantes dizem ter muita vontade de construir um túmulo “bonito”, mas dizem não ter condição. Por “bonito”, os entrevistados fazem referência a um túmulo com cerâmica, geralmente usavam como referência quatro túmulos que são os maiores. Conversando com Maria Jose⁵, ela disse:

⁴ Mora em Fagundes, tem 32 anos, trabalha como auxiliar de serviços gerais, enterrou sua mãe há mais ou menos 5 anos no cemitério da comunidade da Guia.

⁵ Mora em Costinha, tem 48 anos, trabalha como doméstica, enterrou seu irmão e seus pais no cemitério da Guia.

Minha maior felicidade seria conseguir deixar o túmulo do meu irmão e do meu pai e da minha mãe bonitos, que poder fazer como aquele ali [apontou mostrando um túmulo grande, em relação ao do seu irmão, todo de cerâmica], mas eu não tenho condição é muito caro, foge das minhas condições, quem sabe se um dia eu consigo. (MARIA , 2014)

A distância de um túmulo para outro é muito pouca ou quase nenhuma; em alguns espaços do cemitério, os túmulos são juntos ao ponto de que só dá para circular se for por cima deles. Acredito que essa proximidade esteja ligada a falta de espaço do cemitério, que começa a se apresentar como um problema para a comunidade e para as pessoas de fora que utilizam do espaço para enterrar seus mortos.

Recentemente, existem algumas reservas de túmulos, algumas pessoas pensando nessa falta de espaço já estão construindo túmulos, mesmo sem ter nenhum morto para enterrar no momento, porém já pensando na “chegada da morte” e na falta de espaço. Por isso, estão deixando o túmulo pronto. Em conversa com André Marcos⁶ o mesmo disse:

Eu enterrei meu Pai Aqui, foi um pedido dele, e pretendo ser enterrado aqui também, a minha mãe também já disse que quando morrer deseja ser enterrada aqui. Mas como você tá vendo já não tem mais espaço, por isso constrói um túmulo com quatro gavetas, em uma delas está meu pai e as outras serão para os próximos que a morte levar. (MARCOS, 2014).

Nesse sentido, a fala de André traz elementos para pensar preparação para morte, assim como a escolha do local onde deseja ser enterrado. Então, o tabu seja falar da morte – e não haja tabu em termos de preparação – considerando os tantos planos funerários existentes.

Segundo os moradores da comunidade, quando morre alguém, os próprios familiares vão até o cemitério, procuram um local, “cavam a cova” e sepultam o parente. Segundo Maria⁷, quando seu pai faleceu, o seu irmão foi até o cemitério e cavou a cova. A mesma destaca que eles não fazem a manutenção do túmulo e descreveu que este foi feito de cerâmica, onde foi reunida toda a família e construíram a sepultura. Não tem cruz, pois a família é evangélica. Por esta filiação religiosa, eles também não costumam ir ao cemitério no dia de Finados, não acendem velas, pois este

⁶ André Marcos mora em João Pessoa, é técnico administrativo na prefeitura da Capital Paraibana, o mesmo tem 30 anos.

⁷ Moradora da comunidade da Guia e agente de saúde da comunidade

ritual “não significa nada para os mortos, pois eles estão com Jesus”, segundo a informante.

A diferença entre os túmulos do cemitério da Guia são facilmente vistas. Essas diferenças estão no tamanho, na estrutura e na decoração. De modo geral, o que se pode perceber é que a distinção faz parte do cenário. As diferenças de um túmulo para outro podem ser explicadas se pensarmos que essas diferenças estão relacionadas aos marcadores sociais. Cada túmulo reflete a condição econômica, social e religiosa de cada família.

Se antes era usado o espaço da igreja como um lugar que só enterrava quem tinha um alto prestígio, hoje essa diferença é marca pelos túmulos, ou seja, não se pode mais enterrar no espaço da igreja. Todos, independentemente de seu poder de influência, seja social ou econômico, são enterrados nos cemitérios e, a forma encontrada para expressar as diferenças, é a caracterização dos túmulos. No entanto, não basta enterrar tem que haver sepulturas diferenciadas, de modo a evidenciar as distinções socioeconômicas, mesmo que não se tenha o espaço da igreja para mostrar essa diferenciação.

Essa diferenciação entre os túmulos pode ser encontrada no cemitério da Comunidade da Guia, como em outros cemitérios da nossa sociedade. A diferenciação entre os túmulos é uma prática recorrente, ocorrendo em vários cemitérios e vários lugares. Antonio Motta (2009), quando analisou os Cernes Tumulares 1842 de De Simoni, coloca que:

[...] O que realmente lhe interessava não era dar sepultura a um corpo qualquer, mas cultivar formas diferenciadas de sepultamento, com marcadores sociais distintos que pudessem promover e dignificar a memória do morto ainda que no interior das igrejas ou fora delas (MOTTA, 2009, p. 66).

Dialogando com Motta, pode-se pensar que as caracterizações dos túmulos estão relacionadas com o desejo de demonstrar as diferenças existentes entre os indivíduos.

Cada pessoa tem seu modo de agir no espaço do cemitério, pois o comportamento nesse espaço é bem diversificado. Tive oportunidade de observar algumas pessoas no decorrer da semana do dia de finados e também no dia dois de novembro.

As formas de agir também apresentam diferenças quanto a questões de idade, visto que o modo de se comportar naquele espaço se diferencia de acordo com o

“gênero”, idade, religião e condição financeira. Essas diferenças podem ser percebidas na forma de se vestir, nos objetos que portam no modo que conversam com as outras pessoas presentes no cemitério e também na forma que algumas pessoas se expressam.

As crianças, assim como os adultos, têm seu modo de agir dentro do cemitério e esse modo também vai se diferenciar de acordo com a idade e a religião dos pais de cada uma delas.

Durante a semana que antecede o dia de finados, a maioria dos túmulos do cemitério são visitados por parentes dos mortos, geralmente esses túmulos são lavados quando são de cerâmicas, recebem pinturas, dentre outros cuidados de manutenção. Durante todos os dias da semana que antecede o dia de finados, as práticas das pessoas que vão ao cemitério são serviços de manutenção, como os que já foram citados acima. Não vi a presença de nenhuma criança no local nesses dias que eram realizados os serviços de manutenção. A presença de crianças, que acompanhavam seus pais para visitar o cemitério, foi observada apenas no dia de finados. As mesmas chegavam acompanhadas dos pais e suas idades variavam entre três meses a 12 anos.

As crianças maiores geralmente ficavam correndo entre os túmulos, apostando umas com as outras quem conseguiria pular em um determinado túmulo. Algumas dessas crianças também acompanhavam seus pais no acendimento de velas, pois alguns adultos faziam questão de pedir para seus filhos ou netos acendessem as velas. Quando a família dessa criança é evangélica, elas não acendem velas, no entanto, levavam flores para os túmulos e geralmente fazem uma “oração”.

Havia também as crianças que ficavam circulando dentro do cemitério, procurando “o túmulo mais bonito” para tirar foto. Um dos túmulos mais procurados por crianças eram túmulos pequenos e quando encontravam começavam a fazer perguntas aos pais se aquele túmulo era de uma criança e quantos anos haviam vivido.

Foi possível perceber que as atitudes das crianças no espaço do cemitério eram de curiosidade, de brincadeiras, e a oportunidade para encontrar outras crianças que havia algum tempo que não se viam, bem como é a oportunidade de conhecer o ritual praticado por sua família em relação aos mortos.

No decorrer da pesquisa sugeriram alguns de tipos de morte, o que estamos chamando de “tipos de morte” são as categorizações dadas pelos entrevistados à morte e que surgiram durante as conversas. Aqui, chamamos a atenção para as noções de: morte boa, a morte ruim, a morte morrida ou natural e a morte matada. Dizer que uma morte é

“boa” ou “ruim”, ou “natural” ou “matada”, tem a ver com o modo como se deu o último suspiro, como veremos.

Nas falas dos pesquisados, percebemos que suas colocações estavam ligadas à religião a qual pertenciam. Nos discursos, podia-se perceber também a classificação da morte em “uma boa morte” ou “uma morte ruim”, “morte morrida” ou “natural”, “morte matada” e “morte por bruxaria”. Algumas características foram atribuídas à morte pelos entrevistados, como: “ela é sacana”, “é covarde”, “injusta”, ou torna-se uma “libertação” ou um “descanso”. Nas classificações dos tipos de morte, não apareceu à morte relacionada ao suicídio. Em nenhuma das falas apareceu esse tipo de morte e, por isso, o suicídio não é abordado dentro dessas classificações⁸ no meu trabalho.

As definições de morte presentes neste trabalho são extraídas das conversas ou entrevistas realizadas com os pesquisados. Procuo me manter fiel à definição dos mesmos, de forma que não pretendo aqui classificar as informações como corretas ou erradas. Minha pretensão é apresentá-las e refletir sobre as mesmas, buscando apoio em alguns teóricos como Kovács que afirma:

Cada época tem parâmetros do que é a boa morte. Na Idade Média, mortes ocorriam com trajetórias diferentes das atuais. À época, os grandes valores eram o planejamento do morrer, com a proximidade da família, compartilhando testamentos, promovendo a continuidade dos desejos e a distribuição dos bens – e a morte repentina e isolada era temida. Hoje, em virtude do prolongamento e isolamento a que são submetidos muitos pacientes, o desejo por uma morte rápida e sem sofrimento, de preferência em ambiente familiar, ressurge com intensidade. Dignidade é morrer com afirmação de valores e crenças essenciais na vida da pessoa. (KOVÁCS,2014,p.101)

Seguindo esse raciocínio, segundo alguns pesquisados, a “boa morte” é aquela em que a pessoa “morre perto da família”, que pode ser velado e enterrado, que recebe o adeus dos familiares. “É muito triste alguém morrer e não poder ser enterrado, a dor já é muito grande quando se perde alguém, agora, imagine você não poder se despedir desse alguém. Ai meu Deus que tristeza”. Essa é a fala de Dona Maria, uma das moradoras da Guia. Nessa fala, pode-se perceber que é necessário ser enterrado, cumprindo com os rituais fúnebres, na medida em que permite a “despedida”. Na condição de “boa morte”, a categoria da proximidade da família é um aspecto relevante, assim como “ser velado e

⁸ Definimos por Classificações a maneira como os moradores da Guia fizeram diferenças e aproximações na forma de caracterizar os tipos de morte que encontram em suas experiências coletivas, tal como aparece em Durkheim(1975) e Mauss (1981).

enterrado”. Isso representa o lugar do falecido para a família – afeto da vida que se reproduz na morte. A “boa morte” é descrita como sendo uma morte que acontece em casa próxima dos familiares.

A “morte ruim”, por outro lado, é aquela onde o indivíduo não é encontrado, por exemplo, morte por afogamento quando o corpo não é encontrado nas buscas realizadas. Nesse tipo relatado, a família não consegue velar o corpo e nem cumprir com os rituais da morte, sendo como se não conseguisse fechar o ciclo. Alguns entrevistados também classificam a morte em hospitais como uma “morte ruim”, pois as pessoas “morrem sozinhas”, longe das famílias. A esse tipo de morte Ariés (1989) chama de “Selvagem”. Outro tipo de morte, que se encaixa nesse modo, é o “morrer aos poucos” por alguma doença, sendo também classificado como morte ruim, ou o que é chamado de “morte por macumba” que também se encaixa nessa classificação.

A morte por “macumba” apareceu em um dos relatos de um morador, senhor Genaro. Ele relatou que um dos seus filhos, em uma discussão com a mulher do seu irmão (cunhada), acabou agredindo a mesma e essa mulher disse que com o braço que ele a agrediu nunca mais o levantaria para fazer nada. Uma semana depois, o braço do filho de seu Genaro começou a doer e esta dor o levou para o hospital, onde meses depois ele veio a óbito. De acordo com seu Genaro, o seu filho foi vítima de bruxaria.

A “morte matada” é quando o indivíduo morre de algum tipo de acidente ou é morto por outra pessoa. “É uma morte injusta que tira a vida de alguém no tempo errado”. Por outro lado, “morte morrida ou natural” é quando se morre de alguma doença, ou quando se “morre de velhice”. É o “morrer no tempo certo”. É importante frisar que as representações da morte são expostas de acordo com experiência de cada indivíduo, conforme Mattedi e Pereira citam abaixo:

[..] enquanto em alguns grupos sociais a morte é encarada com serenidade, em outros pode gerar inconformismo e dor; enquanto, para alguns a morte é vista como punição, para outros pode representar uma redenção; enquanto, para alguns, a morte é vista como um fim, para outros pode constituir, simplesmente, o começo. É por isso que a morte e suas respectivas formas de processamento compreende um aspecto fundamental do processo de socialização humana. Na sociedade moderna, a morte é organizada socialmente de forma objetiva. (MATTEDI; PEREIRA, 2007, p.320).

A classificação ou definição de cada tipo de morte ou de “como” se morre, faz entender que a morte diz respeito a experiência que o indivíduo obteve quando teve que

se deparar com situações referentes à morte. As práticas diante das situações relacionadas à morte representam e refletem sua experiência que provem do seu meio social.

Pensar sobre a morte, falar sobre a mesma foi algo que se mostrou uma tarefa difícil por parte dos entrevistados, pois pensar sobre essas questões mostrou-se como algo que trazia lembranças sobre quem já morreu. Algumas entrevistas e conversas foram regadas a lágrimas, outras conduzidas pelo desabafo. Assim, a sensação que tive é que as pessoas têm dificuldades para falar no assunto e possuem também uma certa resistência.

A pesquisa realizada no cemitério da Comunidade da Guia, é sobretudo uma forma de contribuição para se conhecer e compreender o espaço do cemitério daquela comunidade, de modo a contribuir com a discussão sobre o espaço de enterramento e com os estudos sobre o fenômeno da morte.

REFERENCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 1977.
- _____. **O homem diante da morte**. 2ed.v1 Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BECKER, E. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Record, 1973.
- CASTRO, Elisiana Trilha. **Para cada morto sua cova; Algumas restrições para o sepultamento de protestantes no Brasil século XIX**. Revista inter-legere. Porto Alegre. 2003. P.157-172
- DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Abril Cultural, 1978
- MAUSS, Marcel. Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade.
- MELO, José A. V. A. **Meu pedido foi valido: uma etnografia no Santuário Nossa Senhora da Guia na cidade de Lucena – PB**. João Pessoa. 2014.
- MOTTA, Antonio. **À flor da pedra. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Recife: Massangana, 2009.
- NEVES, Ednalva Maciel. **Etnografia na Guia: estudo antropológico sobre a comunidade de Nossa Senhora da Guia no município de Lucena/PB**. João Pessoa: DCS/UFPB, 2011. (Relatório Final).

_____, Ednalva Maciel. **Etnografia na Guia: estudo antropológico sobre a comunidade de Nossa Senhora da Guia no município de Lucena/PB**. João Pessoa: DCS/UFPB, 2011. (Projeto de pesquisa).

PEREIRA, Ana Paula; MATTEDI, Marcos Antonio. **Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna**. Caderno CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p.319-330. Disponível em<

https://scholar.google.com.br/scholar?cluster=16703022202161704875&hl=pt-BR&as_sdt=0,5> Acesso em 15/06/2016.

REESINK, Mísia Lins. **Morte Católicos e Imaginário: o caso do Alto do Reservatório**, Casa Amarela. 1995.

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Kovács, Maria Julia. "A caminho da morte com dignidade no século XXI." Rev. bioét.(Impr.) 22.1 (2014): 94-104.